

IRAQUE **O nosso apoio** **a cinco anos** **de resistência**

Na noite de 19 para 20 de Março 2003 todos assistimos impotentes ao bombardeamento de Bagdade. Cinco anos depois, não é possível sermos indiferentes à situação: crimes continuam a ser cometidos no Iraque e, em nome desta guerra que alguns julgam distante e alheia, são também condicionadas os nossos direitos e liberdades em Portugal.

páginas centrais

“Os imigrantes **não vêm roubar** **coisa nenhuma”**

Entrevista com Timóteo Macedo, dirigente da Solidariedade Imigrante
página 4

A base das Lajes **deve deixar de ser** **plataforma militar** **dos EUA**

página 5

A liquidação da **Cerâmica da** **Portela, em Tomar**

Como a chamada “má gestão” se pode transformar num óptimo negócio
página 8

Eleições em **Espanha. Como** **se a paz reinasse** **em Madrid**

página 9

O declínio do **império do dólar**

Um iceberg que se aproxima e de que vemos apenas o topo
página 10

MUDAR DE VIDA

jornal popular / apoio: uma moeda

Março 2008 / número 6



Venham mais **cem mil**

Sócrates pode ser derrotado pela acção na rua *página 3*

A liberdade da Europa e o multiculturalismo

O arcebispo de Cantuária afirmou que certas regras da «sharia» deveriam ser admitidas nos tribunais do Reino Unido em nome do multiculturalismo. Na Arábia Saudita, alguns trintões, que comemoravam o Dia dos Namorados, foram presos por «mau comportamento público», costumes ocidentais, captura indecorosa da atenção das mulheres... Também em nome do multiculturalismo, o banco Fortis da Holanda não oferece mais às crianças o seu porquinho mealheiro *Knorbert* porque pode ofender os seus potenciais clientes muçulmanos e judeus. Ofereça o banco um bezerro em porcelana que, esse, não ofenderá ninguém! Nestes entretantos, o metropolitano de Londres recusou a proposta da *Royal Academy of Arts* para expor nas suas estações a *Vénus nua* do pintor renascentista alemão Lucas Cranach (1532) porque apenas usava uma gargantilha no pescoço e não se podiam chocar os passa-geiros do metropolitano de Londres. E se lhe colocassem um véu? Também o Vaticano andou a colocar umas parras nas pinturas renascentistas... Não foi por este caminho que a burguesia social e política europeia e os seus povos se afirmaram na implantação das liberdades e da liberdade. Custou muito vencer o Manto Diáfano da Fantasia.

José Raimundo

Abaixo do salário mínimo nacional

Enquanto eles “roubam” isso [“Gestores chegam a ganhar 219 vezes mais que os

trabalhadores”], existem centenas ou talvez milhares de trabalhadores do Estado que ganham menos que o salário mínimo nacional. Os trabalhadores deste Estado (funcionários públicos) que estão no índice 123 (o mais baixo) ganham em 2008 : 410,63€ por mês . Menos 15,37€ que o salário mínimo nacional que é em 2008 de 426,00€. Uma vergonha amigos e companheiros. Talvez as 219 vezes sejam muito mais.

António Casqueira

Oito deportados por dia

Todo dia oito brasileiros são impedidos de entrar na Espanha. Conforme o chanceler Amorim, do Ministério de Relações Exteriores do Brasil, de 20 a 30 brasileiros tinham sua entrada na Espanha negada por mês. Atualmente, segundo dados do governo, são oito diariamente. Um dos últimos casos foi de uma física brasileira que iria para um congresso em Portugal, mas ficou detida por 53 horas no aeroporto de Madrid e depois deportada para o Brasil.

Alex

Progredir para uma internacionalização das lutas

É nossa intenção também, em nosso movimento, progredir para uma internacionalização das lutas. Já chegou a hora da esquerda enterrar de vez todo nacionalismo, chauvinismo, e nacional-desenvolvimentismo. Temos de evoluir desta forma, e a internet é a grande ferramenta para a internacionalização dos trabalhadores. A luta dos camaradas de Portugal é também a nossa luta, vossos problemas também são problemas nossos!

Paulo Marques

Próxima edição: 24 de Abril

Dê-nos o seu contributo para o MV de Abril-Maio

Excepcionalmente, este número do MV tem apenas 12 páginas. A próxima edição, dedicada especialmente ao 25 de Abril e ao 1.º de Maio, terá 20 páginas.

A decisão de alterar as datas normais de saída (por regra, na primeira semana de cada mês) prende-se com a necessidade de dedicar mais importância ao 25 de Abril e ao 1.º de Maio e do propósito de fazer uma tiragem maior e de promover uma maior venda dessa edição Abril/Maio. Na prática é suprimida uma edição, mas fica assegurado para todos os assinantes o envio dos doze números de cada assinatura.

Apelamos a todos os nossos assinantes e leitores para ajudarem a uma maior difusão do MV. Não apenas angariando mais assinantes, mas também fazendo, na medida do possível, venda militante junto de familiares e amigos e em locais de afluência de pessoas (colectividades, locais de trabalho).

Os que se dispuserem a isso podem escrever-nos para o nosso email (jornalmudardevida@gmail.com) ou para o nosso endereço postal (Apartado 75066 EC Calçada de Carriche 1750-999 Lisboa) indicando os exemplares que pretendem e a forma de os fazer chegar ao destino.

Um pedido a todos os leitores: digam-nos o que gostariam de ver tratado acerca do 25 de Abril e do 1.º de Maio nas páginas do MV7.



Mudar de Vida em Setúbal Territórios e ferramentas de luta

A sala da Cooperativa Prima Folia foi perfeita para acolher a sessão de apresentação e debate do jornal que aconteceu no dia 6 de Março. Se mais sala houvesse mais ficariam sem falar porque o tempo corre depressa quando a conversa interessa. O debate centrou-se na importância de traçar a linha que separa os campos sociais, porque as classes existem. «Mudar de Vida» posiciona-se como uma ferramenta ao serviço de uma classe que claramente não é proprietária dos meios de produção e que importa conhecer nos dias de hoje. Sem cair no chavão, está tudo em discussão: operários, intelectuais, intermitentes e precários, sindicatos, ferramentas de luta; uma convicção – para a massa proletária do século XXI a História não chegou ao fim. Ainda não existem forças para congregar as massas em frentes de luta organizadas tal como não existem condições para construir um partido de classe dos trabalhadores. Avancemos na discussão.

Encontro Mudar de Vida em Santo António dos Cavaleiros - 16 de Março, 16 horas, Associação de moradores

MUDAR DE VIDA

Redacção Cristina Meneses, José Mário Branco, Manuel Raposo, M. Gouveia, Pedro Goulart **Colaboradores** Cândido Guedes, Carlos Simões, Eugénio Silva, João Bernardo, Rita Moura, Manuel Monteiro, Renato Teixeira, Rui Pereira, Urbano de Campos, Vladimiro Guinot **Cartune** Manuel da Palma
Site David Raposo

Apartado 75066 EC Calçada de Carriche 1750-999 Lisboa
jornalmudardevida@gmail.com www.jornalmudardevida.net

Assinaturas: 1 ano (12 números): Donativo mínimo 15 € / Apoio, o mais possível

Venham mais cem mil

14 de Março, greve nacional da Função Pública
28 de Março, jornada de luta dos jovens contra o trabalho precário



As mobilizações e os protestos que se tinham já feito sentir um pouco por todo o país materializaram-se de forma impressionante no passado sábado, 8 de Março.

Dos 160 mil professores que existem no país cerca de dois terços vieram protestar nas ruas de Lisboa. Não há memória de uma percentagem tão grande de um dado sector envolvido num protesto.

Foi a quinta maior manifestação desde o 25 de Abril. Depois do 1 de Maio de 1974, do 21 de Julho de 1980 contra a Aliança Democrática e do 2 Março e do 18 de Outubro de 2007, nunca tanta

gente tinha vindo a terreiro. Os números são ainda mais impressionantes se tivermos em conta que se tratou apenas de uma manifestação de professores e todas as outras tinham sido apelos gerais.

O recado que a Ministra da Educação deu à mobilização de Lisboa é revelador da postura do governo: “Não é relevante!”. Taxativo, e não sem argumento: “Desistir e parar tem sido a prática comum ao menor protesto, à menor insatisfação. (...) Na minha opinião o país não tem escolha”, conclui.

Se nem na rua as pessoas são consideradas “relevantes”, como

espera o governo que elas façam ouvir a sua voz? A resposta da senhora ministra só pode ser entendida como um apelo à desobediência dos professores. Que outra alternativa lhes resta, senão perturbar o – já de si anormal – funcionamento das escolas?

O movimento dos professores passou para a ofensiva, e está agora nas mãos da sua direcção não perder o rumo nem se deixar intimidar. A força expressa na rua pela maioria dos professores demonstrou que não é tempo para dar passos atrás.

Renato Teixeira

Cresce a luta, mesmo em condições adversas

Apesar da manipulação, da prepotência e da repressão do governo, do patronato e das polícias, as lutas dos trabalhadores e de diferentes camadas da população prosseguiram ao longo destes dois meses de 2008. Terminamos Fevereiro com uma greve dos CTT pela redução da carga horária e contra a diminuição do número de dirigentes sindicais; e com os trabalhadores do serviço de limpeza da Câmara Municipal de Lisboa exigindo melhores condições de trabalho e prometendo também voltar à luta. Em Janeiro, foi a greve dos traba-

lhadores da Groundforce e o protesto do Arsenal do Alfeite contra as ameaças de despedimento, assim como o combate solidário contra a expulsão dos imigrantes marroquinos e a luta dos operários da Cerâmica da Portela pelo pagamento de salários em atraso. Ainda as manifestações dos professores e das populações contra as políticas de educação e saúde do governo. Ou dos jovens do Movimento Porta 65 pelo direito à habitação. E ao longo de Março, depois do gigantesco protesto de 100 mil professores em Lisboa, estarão certamente na rua novamente

grandes protestos de funcionários públicos – com uma greve geral nacional de 24 horas em 14 de Março – e de jovens contra o trabalho precário no dia 28.

Apesar da forte ofensiva do patronato e do governo, os trabalhadores continuam a lutar. Uma grande onda de indignação e revolta (muitas vezes, ainda não claramente expressa) percorre o país. E, talvez, o poder ainda venha a ter muitas surpresas. Enganam-se os que julgam que a luta de classes foi de férias.

Pedro Goulart

EDITORIAL

Agora: Sócrates

“Compreendo perfeitamente as razões do descontentamento dos professores”, disse a ministra da Educação em resposta à gigantesca manifestação dos professores. Compreende, mas não se demite. A contradição é só aparente: o que assim fica dito é que o ministério – melhor, o governo – vai travar um braço de ferro para quebrar as pernas ao protesto. Sócrates tentará com isso dar uma punição exemplar ao movimento popular de oposição à sua política e calá-lo por longo tempo.

A derrota que foi a demissão do ministro da Saúde não vai o chefe do governo querer que se repita agora com a Educação. Seria a demonstração de que a sua linha de afrontamento das classes trabalhadoras podia ser partida em bocados e, em limite, bloqueada pela acção de rua. A luta está pois colocada já no plano do confronto do governo com o movimento popular.

O mútuo apoio entre os diferentes sectores de trabalhadores é por isso, mais do que nunca, decisivo nos próximos meses. Se a luta dos professores ficar isolada, pode o governo perfeitamente ganhar a parada; mas se tiver o apoio dos demais trabalhadores (como podia ter sucedido já na manifestação) tem condições para vencer. E o mesmo é válido para as demais lutas.

Depois da greve geral, da enorme manifestação de 18 de Outubro e do impulso agora dado pelos professores, o movimento não tem outro caminho senão o de se reforçar e de ganhar a consciência de que o alvo é Sócrates. Há que fazer convergir todo o descontentamento para o objectivo de travar a política do governo e correr com Sócrates. A greve dos funcionários públicos a 14 de Março e a jornada de luta dos jovens contra o trabalho precário, a 28, devem inspirar-se no exemplo de unidade que acaba de ser dado e contribuir para impulsionar a luta de todos nós para um nível mais alto. O governo pode ser derrotado pela acção na rua.

“Os imigrantes não vêm roubar coisa nenhuma”

Entrevista com Timóteo Macedo, dirigente da Solidariedade Imigrante

Há discriminação dos imigrantes por nacionalidades?

A fobia do terrorismo e a desconfiança de tudo que vem do Paquistão, do norte de África... faz com que haja processos que ficam sujeitos a investigação e as pessoas sejam discriminadas em relação aos procedimentos normais administrativos. E há outra discriminação que é permanente e tem a ver com os serviços da administração pública. O racismo é institucional e a discriminação também o é. As pessoas, se só falam a língua natal ou não falam bem português, não são bem atendidas. “Vai aprender português e depois vem aqui!” Como se as pessoas tivessem a culpa de não saber português!

Em que actividades é que os imigrantes trabalham?

90% é nos serviços domésticos, limpezas, construção, restauração e hotelaria. Mas as pessoas começam a ter outras ambições. De início suportavam determinado trabalho para se adaptarem, para efeitos de documentação, a questão da língua, etc. Começam a procurar outros países. E agora Portugal lamenta-se de ter perdido 30 mi imigrantes ucranianos qualificados que se foram embora. Portugal está muito recuado no tratamento destes casos, há pouco interesse e resistências corporativas.

E a questão da imigração face ao desemprego que existe?

As pessoas dizem “são os portugueses que não querem

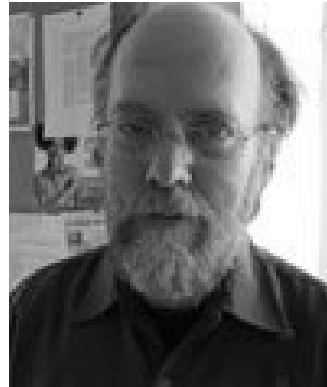
trabalhar ali”. Não são os portugueses. São os patrões que não querem empregar os portugueses, nem os imigrantes legais. Querem a imigração fragilizada, ilegal, para poderem praticar esse sistema dos negreiros e da escravatura moderna. Os imigrantes não vêm roubar coisa nenhuma. Temos que virar essa revolta contra quem nos explora – quem não nos dá trabalho com dignidade, com direitos, com melhores salários. É que há trabalho para todos. Temos de lutar contra quem nos oprime e coloca nesta situação e nos faz pensar desta forma.

Existe uma consciência política?

Numa minoria. Mas, na mobilização para as manifestações vê-se que há uma necessidade primária de lutar. É um passo. E criam consciência. Quem participa mais são as pessoas mais necessitadas, excluídas, indocumentadas ou com problemas. Manifestações com 2.500, 3.000 pessoas que não têm nada. Fragilizadas e que correm riscos. É um ganhar de consciência. Depois há imigrantes que dizem: “Eu estava cheio de medo, mas aquilo fez-me tão bem, cheguei à conclusão de que afinal não estou sozinho. Há muita gente na mesma situação.”

Como trabalha a vossa Associação?

Tem 12.500 sócios. Criou dinâmicas próprias e trabalha em rede através dos diferentes grupos. Agora criámos o Grupo da Mulher Imigrante para discutir a temática do



serviço doméstico. A lei que existe é uma lei à parte, do tempo da outra senhora e que se mantém. O Grupo é de mulheres imigrantes que tomaram em mãos esta tarefa e ultrapassam os sindicatos e ultrapassam tudo e todos. Temos o Grupo de Interculturalidade, da Habitação e o Atendimento. Que é a questão central. Que faz com que as pessoas se aproximem e se possa interagir no trabalho de mudança de mentalidades. A participação em debates, filmes, manifestações. Tudo o que vier para que as pessoas comecem a ter consciência de que, além do objectivo primeiro que os fez vir para Portugal – ganhar algum dinheiro – há coisas importantes a discutir: porque é que no país deles existe aquela situação, porque é que no mundo...

Porque é que ele teve de emigrar...

Exactamente. Começar a discutir essas questões.

BREVES

Jogada antecipada

“Um trabalhador que esteja cansado física ou psicologicamente – porque está mais velho, porque tem problemas familiares, porque trabalhar naquela empresa não era exactamente o que pretendia ou que se desinteressou do trabalho – deve poder ser despedido por justa causa”. Quem o afirma é Gregório Rocha Novo, dirigente da CIP. Diz aberta e cruamente aquilo que o patronato e os partidos do capital – CDS, PSD e PS – pensam e não se atrevem a dizer por estas palavras. Gregório Novo di-lo para que seja tido em conta nas “negociações” que o patronato e o governo vão encetar visando a elaboração do novo Código do Trabalho.

Coerência

O deputado do PSD António Preto foi pronunciado pelos crimes de fraude fiscal, pelo Tribunal de Instrução de Lisboa. Vai ser julgado, juntamente com o ex-vereador do PS na Câmara da Amadora, Sobral de Sousa, por um caso de corrupção em escolas de condução no concelho de Tábua. Em escutas telefónicas feitas pela PJ, António Preto diz a Sobral de Sousa que tem uma mala cheia de dinheiro, com origem nas escolas de condução. O dinheiro terá servido para pagar quotas dos militantes do PSD de Lisboa, quando Preto concorria à respectiva distrital. A piada da estória é que este mesmo senhor deputado foi nomeado pelo parlamento para relator da comissão que vai fazer a transposição da directiva europeia de combate ao branqueamento de capitais. Coerentes até ao fim.

Respeitinho

Um agente da PSP de Oeiras tentou multar o comandante da própria esquadra, por falar ao telemóvel enquanto conduzia. Não só não houve multa como o agente teve um processo disciplinar. Não lhe ensinaram que as leis repressivas foram feitas para obrigar a plebe a andar na linha.

Tráfico humano em navios portugueses

Cinco portugueses, o capitão e tripulantes do navio “Albimar”, e mais um estrangeiro não identificado, estão em prisão preventiva nas Canárias por terem transportado e tentado introduzir em Espanha onze imigrantes ilegais provenientes da Guiné-Bissau e da Mauritânia.

A polícia espanhola suspeita que, além de cobrar a cada um 4 mil euros pela viagem, o capitão do navio fazia passar os imigrantes por marinheiros, para o que dispunha de documentação forjada. Obrigava-os, assim, a trabalhar, sem pagamento, durante a viagem.

O objectivo do capitão português era fazer desembarcar os imigrantes em Espanha por pequenos grupos e

regressar à África para recolher mais passageiros ilegais.

Tudo indica que o navio e o pessoal agora detido levava a cabo este tráfico de forma continuada, seja fazendo passar os imigrantes por marinheiros, seja escondendo-os no fundo da embarcação.

Com efeito, o mesmo capitão já antes cumprira oito meses de cadeia no Senegal pelos mesmos motivos, usando o mesmo barco. Também um dos tripulantes agora detidos fora preso em 2006 por transporte ilegal de 20 imigrantes que viajavam escondidos no navio português “Mapoeche1”.

BREVES

Executivos

Segundo o DN, em 2006, o conselho de administração executivo do BCP auferiu, como remunerações fixas, um total de 5,4 milhões de euros, e a remuneração variável total dos nove administradores ascendeu a 21,4 milhões de euros. Um total de 26,8 milhões de euros de remunerações. A dividir pelos nove administradores, dá 3 milhões de euros a cada, por ano. A dividir por 14 meses, dá 213 mil euros de ordenado mensal médio. Para comparação: o salário nacional médio é inferior a 900 euros por mês.

Simplesmente fome

Portugal é o segundo país da UE com maior risco de pobreza infantil, sobretudo em famílias monoparentais ou outras de baixos rendimentos com três filhos ou mais. Os professores bem sabem do que se passa. Nas escolas do 2.º ciclo desapareceu o leite gratuito, muitos alunos só têm uma refeição por dia, muitos outros comem as sandes dos professores que não gostam de ver a fome à sua volta. Revolução tecnológica, aumento do rendimento escolar, diminuição do abandono escolar? Simplesmente fome! (JR)

Cumplicidade

Mesmo diante dos dados recentemente acrescentados pela organização não governamental britânica *Reprive*, o governo – apoiado no seu próprio partido, no PSD e no CDS – recusou qualquer investigação sobre os voos da CIA em território português. Desprezando o caso, o ministro dos Assuntos Parlamentares, Santos Silva, permitiu-se mesmo, com cinismo, considerar as propostas de inquérito, apoiadas pelo PCP, BE e Verdes, como “inoportunas e inúteis”. Esta disposição concertada dos partidos do capital em abafarem o assunto confirma a subserviência das classes dominantes portuguesas diante da política dos EUA e a sua cumplicidade com os crimes praticados pelo imperialismo norte-americano.

Demolições na periferia de Lisboa

Novos projectos imobiliários na origem da “urgência” em limpar os bairros de barracas

Azinha dos Besouros em Agosto de 2006 (Amadora), Alto da Damaia em Fevereiro de 2007 (Amadora) e recentemente o Bairro Fim do Mundo em Janeiro de 2008 (Cascais) são bairros de barracas sujeitos a demolições de habitações sem realojamento.

Poderíamos também citar o bairro da Quinta da Serra (Loures), Quinta da Vitória (Loures), o Bairro das Marianas (Carcavelos), o Bairro do Talude (Unhos)... bairros chamados “clandestinos”, ameaçados todos os dias de destruição por parte das Câmaras dos concelhos à volta de Lisboa.

O esquema é geralmente o mesmo: imigrantes, que não podem alugar apartamentos com rendas inacessíveis, são obrigados a encontrar soluções alternativas, e relegados para bairros de barracas nas periferias das grandes cidades; até que estes terrenos, alguns deles ocupados há dezenas de anos, são alvo de pressões financeiras.

De uma situação que convinha a todos, da notável política do “deixa andar” das Câmaras Municipais, passamos de repente a uma situação de urgência para destruir estes bairros, perante a necessidade de implantação de novos

projectos imobiliários. As primeiras habitações destruídas são dos homens solteiros, depois das outras famílias, com um simples aviso colocado na porta.

Uma grande parte dos habitantes estão excluídos do PER, *Programa Especial de Realojamento*, aparecido em 1993, e são expulsos sem quaisquer alternativas, como actualmente as famílias do Bairro do Fim do Mundo, desalojadas para permitir a construção de um centro Paroquial Património dos Pobres...

A crise do alojamento em Portugal é generalizada, crise muito mais qualitativa que quantitativa; mas as primeiras populações atingidas são sempre as mais carentes, os imigrantes.

Em 2005, os habitantes dos bairros para demolição, apoiados pela associação Solidariedade Imigrante, iniciaram acções de resistência para lutar contra essas



situações inaceitáveis. Nasceu o grupo DAH – Direito à Habitação. Em 2006, foi formada a Plataforma Artigo 65 – Habitação para todos, que é uma rede de cidadãos e associações, profissionais e cívicas, que se juntou às comissões de moradores que lutam pela aplicação deste direito fundamental que é o Direito à Habitação.

Chico Peixoto

A base das Lajes deve deixar de ser plataforma militar dos EUA

O nome da base açoriana das Lajes corre mundo, não por boas razões mas pelas actividades criminosas aí desenvolvidas pelos EUA. O encontro, em 2003, de Bush, Blair e Aznar (com Durão Barroso como anfitrião), preparando agressão ao Iraque; e a passagem de aviões da CIA com centenas de presos para Guantánamo, vindos da tortura e a caminho da tortura. Apesar de se saber que os EUA querem as bases obviamente para fins agressivos, nunca os governos de Lisboa, nestes como noutros casos, puseram em causa a presença e a actividade da potência imperialista nos Açores. Com todo este historial de facilidades, não admira que os EUA tenham proposto recentemente alargar o território da base, pre-

tendendo uma área suplementar de quase 300 km², a fim de aí instalar um campo de treino para caças F22 e F35 e para um sistema de mísseis. O embaixador dos EUA, em entrevista ao Expresso, propôs que os governos português e norte-americano “trabalhassem em conjunto relativamente a novos programas para a Base das Lajes”, acrescentando que daí “podem resultar benefícios mútuos”. Acena, em linguagem de negreiro, com mais uns dólares de renda para comprar o acordo das autoridades regionais e nacionais e calar a boca à população.

É claro que neste assunto não estão em causa os dólares, mas o princípio de não prestar qualquer tipo de apoio a políticas criminosas. Alheio ao facto, porém, o ex-líder Mota Amaral, ao interpelar o governo sobre a proposta norte-

americana, não se mostrou particularmente preocupado com as actividades criminosas dos EUA, mas sim interessado na possibilidade de explorar o tema partidariamente, na luta local do PSD contra o PS, se as contrapartidas não forem suficientemente significativas.

O governo confirmou e negou ao mesmo tempo as negociações com os EUA, numa já habitual tática de ambiguidade de José Sócrates destinada a colocar os portugueses perante factos consumados. Contra os acordos que certamente decorrem nos bastidores, é mais do que tempo de dizermos que não consentimos que continuem a ser prestados serviços cúmplices à política guerreira norte-americana – e que portanto a base das Lajes deve deixar de ser plataforma militar dos EUA.

Pedro Goulart

Iraque

O nosso apoio a cinco anos de resistência

Na noite de 19 para 20 de Março 2003 todos assistimos impotentes ao bombardeamento de Bagdade. Cinco anos depois, não é possível sermos indiferentes à situação: crimes continuam a ser cometidos no Iraque e, em nome desta guerra que alguns julgam distante e alheia, são também condicionadas os nossos direitos e liberdades em Portugal.

A resistência iraquiana está a cumprir o seu papel. Os iraquianos vencerão esta guerra – imposta pelos EUA, com a cumplicidade, entre outras, das autoridades portuguesas.

A resistência dos activistas do movimento mundial pela paz e contra a guerra não pode enfraquecer enquanto o Iraque continuar ocupado. Não aceitamos que os EUA, insaciáveis no saque de recursos, policiem o mundo sob o pretexto de difundir a democracia. O Iraque tem sido a principal vítima da sua acção. Mas não é a única. Todo o Médio Oriente, desde a Palestina ao Afeganistão, está sob ameaça dos EUA.

A questão iraquiana e toda a situação no Médio Oriente tocam-nos de perto.

Como a política de Durão Barroso não foi revogada e a cumplicidade portuguesa dos últimos cinco anos está por julgar, todas as suspeitas se tornam legítimas sobre o comportamento do actual governo – e das restantes autoridades, PR incluído – no caso de novas ofensivas dos EUA. E mesmo diante das ameaças já em curso.

O Iraque ocupado

Nenhum processo democrático está em marcha no Iraque. Nenhum órgão do poder expressa a vontade livre do povo iraquiano. As leis da república que davam direitos iguais a homens e mulheres foram abolidas e substituídas por leis sectárias, discriminatórias, de base religiosa. Os sistemas de apoio social – saúde, ensino, velhice... – foram suprimidos em nome do mercado livre. Os voos da CIA e as prisões secretas espalhadas pelo mundo mostram a existência de um verdadeiro sistema penitenciário global, feito de acordo com as leis de excepção dos EUA. Os cálculos mais por baixo apontam 24 mil presos políticos conhecidos nas diversas prisões que os EUA criaram pelo país.

Toda a estrutura produtiva do Iraque foi destruída. Mais de metade da população activa está no desemprego. O corte de água e comida à população é prática das operações militares dos EUA para atacar as cidades que escapam ao seu controle.

Perto de 3 mil toneladas de urânio foram lançadas sobre o Iraque na forma de bombas e munições.



O poder radioactivo é 126 mil vezes maior que o da bomba nuclear lançada pelos EUA sobre Nagasaki em 1945. O efeito vai perdurar por 4.500 milhões de anos, o equivalente à idade da Terra. De acordo com cálculos da Autoridade para a Energia Atómica do Reino Unido, é de prever que, na próxima década, ocorram 25 milhões de cancros a mais entre a população iraquiana.

Bombas de fósforo branco, banidas pelas leis internacionais, foram utilizadas pelos EUA no ataque a Faluja, matando centenas de pessoas. Esquadrões da morte organizados por norte-americanos e israelitas assassinaram centenas de civis, entre eles, centenas de professores, cientistas e intelectuais. Milhares de outros fugiram do país temendo pela vida, no que representa a decapitação da inteligência iraquiana.

Somos todos iraquianos

Uma guerra como esta que os EUA declararam ao Iraque exige a mobilização e a neutralização das populações do lado dos agressores:



ameaçando as pessoas e retirando-lhes liberdades para que não possam reagir. Uma vaga de fascização mundial, com epicentro nos EUA, está a alastrar. Na União Europeia, generalizam-se os procedimentos de excepção, especialmente as detenções prolongadas. Com o "mandato de prisão europeu" a extradição passa a ser praticamente automática, dando-se cobertura a leis inteiramente reaccionárias. É muito provável que o pior das legislações nacionais passe a valer para o quadro europeu. Em Portugal, proliferam corpos especiais e serviços secretos nas polícias e nas forças armadas.

Portugal é cúmplice dos crimes cometidos contra o povo iraquiano

Talvez os Açores sejam poupados a uma nova cimeira. Mas é caso para perguntar se voltarão a dar-nos "provas" de armas de destruição massiva. Se as televisões tornarem a divertirmos com jogos de guerra. Se a base das Lajes continuará a ser o porta-aviões norte-americano

que tem sido. Se os destacamentos da GNR voltarão às missões ditas de policiamento. Se empresas portuguesas procurarão novos contratos "de reconstrução", depois dos estragos. Se outros Josés Lamegos rumarão ao Médio Oriente. Enfim, se o compadrio com as ambições imperiais dos EUA prosseguirá.

Foi este, e não outro, o resultado prático da política de "fidelidade à aliança com os EUA" e de "defesa dos interesses nacionais" invocada por Durão Barroso e Paulo Portas em 2003. Contra nossa vontade, cidadão portugueses, o país foi tornado cúmplice de todos estes crimes. E, até hoje, nenhum gesto, nenhuma declaração, nem do governo nem do Presidente da República, revogou esta política de cooperação com a ilegalidade e com a violência. E nenhum gesto de retractação foi visto da parte dos propagandistas da guerra.

O Tribunal Mundial sobre o Iraque Audiência Portuguesa

Organizações e personalidades empenhadas no movimento contra a guerra constituíram em 2003 o Tribunal Mundial sobre o Iraque (World Tribunal on Iraq), cuja sessão final teve lugar em Istambul, Turquia, em Junho de 2005.

Em Maio de 2004 constituiu-se a secção portuguesa (Audiência Portuguesa do TMI), na base de uma *Declaração de Princípios* que destacou o objectivo específico de analisar as responsabilidades portuguesas no apoio à guerra, no quadro da agressão conduzida pelos EUA e a Grã-Bretanha. Congregando pessoas e organizações de diversos quadrantes, facto expressivo da rejeição que a guerra provocou na sociedade portuguesa, a Audiência Portuguesa reuniu como tribunal de opinião pública, na linha dos Tribunal Russell, do Tribunal Cívico Humberto Delgado e Tribunal Mundial dos Povos para Timor-Leste. O amplo leque de apoios reflectiu-se no júri e no conjunto de depoentes que prestaram testemunho na sessão de Lisboa, em Março de 2005.

Mas as razões que levaram à criação do Tribunal Mundial sobre o Iraque permanecem infelizmente intactas: o Iraque continua ocupado por tropas estrangeiras, a sua sociedade e os

seus recursos continuam a ser destruídos e saqueados, as violações cometidas pelos agressores continuam impunes e as organizações encarregadas de aplicar o direito internacional continuam inoperantes face aos actos dos EUA e da Grã-Bretanha. E quanto a Portugal, continua sem revogação a política de colaboração iniciada pelo governo Durão Barroso/Paulo Portas.

Subsistem, pois, os objectivos de fundo do TMI: informar o público sobre os crimes cometidos e as motivações das agressões, denunciar as mentiras divulgadas, acusar os autores e os cúmplices desses crimes – e desse modo fortalecer o movimento mundial pela paz e contra a guerra.

www.tribunaliraque.info
www.tribunaliraque.no.sapo.pt



Estão programadas para Abril várias acções em memória da invasão do Iraque. Participe, em seu nome.
Vai Acontecer, página 11

A liquidação da Crâmica da Portela, em Tomar Como a “má gestão” pode ser um óptimo negócio

O grupo Mendes Godinho vendeu a Cerâmica da Portela, em Tomar, em Julho de 2006 à Certomar-Cerâmicas por mais de um milhão de euros. Na altura, os novos patrões afirmaram-se dispostos a renovar a empresa e a dar-lhe outra projecção. Presentemente, a fábrica – que chegou a ter 98 trabalhadores em 2001 – está em vias de encerramento definitivo, tendo os 32 trabalhadores decidido (como referimos numa notícia breve) rescindir colectivamente os contratos depois de terem esperado, sem resultados, o pagamento dos salários atrasados desde Novembro. Deste modo, perdidas as esperanças de pagamento dos salários, os trabalhadores podem reclamar os subsídios de desemprego. Ao todo, os patrões devem aos trabalhadores 140 mil euros. Os salários, de 450 euros mensais, estavam congelados há três anos. Situações de fome efectiva foram vividas pelos operários desde que os pagamentos cessaram. Além de todas as demais dificuldades: na impossibilidade de pagarem as rendas de casa, por exemplo,

muitos trabalhadores recebiam ser despejados. O recurso às entidades locais mostrou-se igualmente sem frutos: nem a Câmara Municipal de Tomar, nem a Segurança Social nem as instituições de solidariedade (como a Caritas, a que alguns operários recorreram) valeram aos trabalhadores.

Durante meses, os novos patrões brincaram positivamente com os trabalhadores fazendo-lhes promessas que não cumpriam mas que os iam mantendo a trabalhar e agarrados à empresa. Dividiram-nos e evitaram assim uma resistência unida, chegando por vezes a oferecer notas de 20 euros aos trabalhadores que se lhes iam queixar individualmente.

A partir de certa altura, os patrões deixaram de pagar a fornecedores. A energia foi cortada e começou a faltar matéria-prima. A laboração sofreu paralisações. Inclusive, cheques sem cobertura foram passados para “pagar” as quotizações sindicais.

O sindicato do sector da cerâmica que tem acompanhado este processo acusou os responsáveis da fábrica de “má gestão”, argumentando que toda a produção tem sido vendida e

apontando a existência de encomendas como prova de que a actividade da empresa é viável. No entanto, há sinais de que pode estar em curso uma operação deliberada de liquidação da empresa, que poderia estar já no fito dos novos proprietários quando a adquiriram à Mendes Godinho. A venda recente de uma parte dos terrenos da fábrica, sem que quaisquer aplicações fossem feitas na empresa – e, menos ainda, pagos os salários atrasados – indicia que os patrões tencionam safar o capital que empatarem na compra da empresa e usá-lo para outros fins.

A “má gestão” da empresa terá sido, neste caso, uma *boa gestão* por parte dos patrões dos seus capitais – seja qual for a aplicação que deles vierem a fazer. O que permite ver como a dinâmica do capital, na sua busca incessante de rentabilidade, deita mão a todos os processos, dentro ou à margem da lei. Dívidas e humilhações aos trabalhadores, cheques carecas, falências sem motivo económico, são procedimentos correntes cujas consequências recaem sempre sobre os assalariados.

Urbano de Campos

A “ética” e o lucro

Da Carta Reivindicativa aprovada no XI Congresso da CGTP fazem parte, entre outras exigências, a revogação das normas gravosas do actual Código do Trabalho e a rejeição da flexi-segurança contida na proposta do Livro Branco das Relações Laborais; a defesa da contratação colectiva e das convenções colectivas; o combate à precariedade de emprego e ao desemprego; a promoção da igualdade no trabalho, com combate a todas as discriminações; a melhoria da Segurança Social; o investimento na Educação Pública e no Serviço Nacional de Saúde. Estas justas reivindicações, contudo, dificilmente se harmonizam com algumas das afirmações feitas no Congresso, nomeadamente no discurso de Carvalho da Silva, que

pressupõem colaboração de classes e que podem alimentar ilusões em muitos trabalhadores. Por exemplo, quando faz a “exigência do poder com ética”; ou quando estranha que o governo “assuma uma matriz de esquerda no seu discurso com os portugueses” e ao mesmo tempo coloque nas mãos do patronato normas “que lhe permitem fazer cessar uma convenção”; ou ainda quando “desafia” o patronato a “assumir as suas responsabilidades” e a “não

usar a legislação do trabalho como bode expiatório”.

Qual será a ética do poder do capital, ou a responsabilidade do patronato que não aponte para a obtenção do máximo lucro e da máxima acumulação?

Pedro Goulart



BREVES

Greve nos CTT

Trabalhadores dos CTT fizeram greve no dia 25 de Fevereiro reivindicando redução da carga horária e melhor qualidade de serviço de atendimento. Reclamaram ainda contra a redução do número de dirigentes sindicais, de 100 para 38, que a administração da empresa quer impor. A luta terá seguimento a 16, 17 e 18 de Março, datas para as quais o SNTCT (sindicato dos correios e telecomunicações, que representa 75% dos trabalhadores do sector) marcou greves gerais em protesto pela suspensão das negociações do acordo de empresa por parte da administração dos CTT.

Oficinas da CML páram

Os trabalhadores das oficinas de reparação e manutenção dos veículos da Câmara Municipal de Lisboa (nomeadamente os da recolha de lixos) levam a cabo, no dia 26 de Fevereiro, uma acção de luta por melhores condições de segurança, higiene e saúde. A acção consistiu numa concentração, de manhã, à porta das instalações para denunciar as carências verificadas no local de trabalho e numa greve no período da tarde.

GNR ataca greve

Uma manifestação de apoio aos trabalhadores da Etar de Sines, há cerca de um mês em greve, foi atacada, no dia 6 de Março, pela GNR tendo sido detido um dos manifestantes. Os trabalhadores, que contam com o sindicato da Química e com os presidentes das câmaras de Sines e Santiago do Cacém, lutam por um aumento salarial mínimo de 800 euros e por condições de segurança no trabalho, uma vez que lidam com lamas oleosas e resíduos industriais perigosos. O piquete de greve, defendido pelos populares e atacado pela GNR, procurava impedir a entrada de camiões na Etar para furar a greve. Das bastonadas da GNR (que, mais uma vez, “estava ali para cumprir ordens”) resultaram ferimentos em vários trabalhadores.

Nazismo israelita

O massacre anunciado da população de Gaza

Está em curso o genocídio do povo palestino. Os acontecimentos da Faixa de Gaza mostram essa realidade como nunca. Desde o início de 2008, Israel e o Egito, com a colaboração dos EUA e a complacência da Nações Unidas e da Fatah, impõem um bloqueio que pretende estrangular a economia em Gaza e humilhar e desmoralizar a sua população.

Israel quer tornar insustentável a vida a um milhão e meio de palestinos retirando-lhes os mais elementares direitos. São inúmeros os actos de verdadeiro terrorismo: Gaza está sem acesso ao exterior e nenhum habitante tem autorização para sair, escasseiam os bens de primeira necessidade, os serviços hospitalares estão sem gerador de emergência, a luz é frequentemente cortada a partir de Israel, é proibido pescar, as pessoas estão sob vigilância satélite permanente, os mísseis caem todas as manhãs e não poupam hospitais, escolas ou mesquitas. Esse bloqueio, dirigido contra o Hamas e assim contra o resultado das eleições na Palestina, fazia desde início antever o pior.

Nas últimas semanas, o exército israelita iniciou as incursões militares

e os raids da Força Aérea, responsáveis por centenas de mortos em poucos dias. Só no primeiro dia da incursão, a 1 de Março, foram assassinadas 61 pessoas, das quais 15 crianças.

O governo de Israel é mais claro nas suas intenções do que é escrito nas páginas da maioria da imprensa. Ehud Barak, ministro da

Defesa e membro do Partido Trabalhista, chegou mesmo a dizer que “está na hora do massacre”, usando uma expressão hebraica que é usada para referir o holocausto.

Este anúncio de guerra de Israel teve o apoio dos EUA, e o Conselho de Segurança das Nações Unidas apenas foi capaz de condenar os *rockets* do Hamas.

Varsóvia ficou conhecida como símbolo do pior do genocídio de judeus, ciganos e comunistas, praticado por Hitler. Hoje, Gaza é o símbolo do lado mais cruel do genocídio dos palestinos pelo colonialismo israelita. Não é aceitável a confusão entre vítima e agressor. Israel é um Estado fora da lei e criminoso de guerra.

Renato Teixeira



Espanha e País Basco. Eleições nos bastidores da democracia

Como se a paz reinasse em Madrid

Dominadas pelo tango clássico entre os ‘candidatos a primeiro-ministro’ em que se converteram as eleições nas oligarquias capitalistas do chamado Ocidente, as notícias sobre as eleições parlamentares espanholas que chegam até nós valem mais pelo que escondem do que pelo que dizem.

E o dado oculto (a cifra negra) das eleições espanholas volta a ser a ilegalização das formações partidárias bascas cujo programa político pugnava pelo reconhecimento do direito de autodeterminação e independência daquele território sob administração de Espanha.

Desta vez foram o Partido Comunista das Terras Bascas e a Acção Nacionalista Basca. O primeiro ganhou notoriedade quando acolheu as candidaturas indepen-

dentistas na sequência da ilegalização em 2002 da coligação eleitoral Batasuna. Em articulação simbiótica, poder executivo, legislativo e judicial, contando com o unânime e constante apoio da maquinaria mediática, debruçaram-se sobre a possibilidade de ilegalizarem uma formação política sem quaisquer vínculos conhecidos ou a conhecer com a única organização política basca declaradamente à margem das leis, a ETA. Fizeram-no.

O segundo caso, da Acção Nacionalista Basca, tem, pelo contrário, ecos mais remotos. José Luís Zapatero não é o primeiro governante a ilegalizar aquela formação política, oriunda dos inícios do século XX. Antes dele, já um outro dirigente espanhol o fizera, com a organização a mergulhar numa clandestinidade longa de décadas: Francisco Franco.

Estes são os factos mais relevantes da peleja eleitoral que trata de eleger o parlamento de Madrid. Os seus dados estruturais. O resto é conjuntura, relevante sobretudo para os principais interessados, Zapatero/PSOE e Rajoy/PP, e respectivos blocos de interesses acoplados.

Os independentistas bascos apelaram à abstenção. Marcando, também, as ilegalizações e para além de um par de acções armadas da ETA, sem vítimas e com pré-aviso – como passou, aparentemente, a ser estratégia da organização a partir sensivelmente de 2003 – contra um tribunal e um retransmissor de sinal televisivo em Bilbao, a esquerda autodeterminista basca convocou uma paralisação geral de um dia que comprovadamente afectou com seriedade a vida local.

A Etrzaintza, polícia autonómica basca, tem intervindo com gravi-

dade contra manifestantes que protestam nas ruas, reivindicando a democracia sonogada a centenas de milhares de bascos que o governo espanhol trata como se não fossem (ainda) possuidores de um bilhete de identidade por ele emitido. Democracia de segunda, para um povo que se vê impedido de colocar pacificamente a sua pretensão política e cujo sector autodeterminista ou está preso, ou se encontra emudecido.

Amantes das liberdades e dos direitos cívicos, às restantes democracias e aos enviados especiais dos jornais e televisões internacionais ainda não aconteceu repararem no pormenor. Relatarão a indiferente vitória de um candidato e a derrota do outro, como se, afinal, nada de anormal ali tivesse acontecido. Como ‘se a paz reinasse’... em Madrid.

Rui Pereira

A queda do império do dólar

Extracto de uma entrevista com o economista iraniano Hamid Varz, Press TV, Teerão

Um iceberg. A crise das hipotecas de alto risco (*subprime*) tem sido empoçada para criar a impressão confortável de que se pode dominar o problema com a simples redução das taxas de juros ou com maiores prazos de pagamento, como propõe Hillary Clinton. A crise do subprime pressagia problemas muito maiores. Já está a estender-se a outras formas de crédito e mesmo que os estragos possam ser contidos o alívio será apenas temporário porque um perigo muito maior surge no horizonte: a economia norte-americana cresceu muito na base de especulação com o crédito, cujo montante é hoje mais do dobro de toda a economia norte-americana. Isto é um iceberg que se aproxima e o que vemos (no escândalo do *subprime*) é apenas o topo.

Distanciamento. O mundo procurou defender-se. Os EUA apenas venderam cerca de 20% do seu lixo tóxico económico ao resto do mundo. Isto demonstra quão rapidamente as economias globais estão a distanciar-se da economia dos EUA. Qualquer crise

vai atingir muito mais duramente os países endividados, como os EUA, do que os países com dinheiro vivo (Rússia, China, Índia, Japão, "Tigres" Asiáticos e Europa Ocidental). Os EUA estão em profunda, fundamental, histórica complicação.

Dólar em queda. O dólar entrou numa espiral de declínio porque os EUA têm de receber 3 mil milhões de dólares por dia do estrangeiro para financiar o seu défice e a sua máquina de guerra. Os países estrangeiros ficaram nervosos com a desvalorização de 10% ao ano das suas reservas em dólares. Os estrangeiros nem têm de reduzir essas reservas para causar uma crise do dólar; basta-lhes não as aumentar, isto é, travar a compra de títulos do Tesouro norte-americano.

Realinhamentos. As economias emergentes suportariam melhor uma tal catástrofe porque estão habituadas a dificuldades, enquanto os decadentes consumidores norte-americanos estão já em bancarrota apesar do crescimento económico



global. Os EUA sofreriam provavelmente motins, conflitos internos e fome pela primeira vez em 80 anos. As economias emergentes estão habituadas a dificuldades económicas e até à guerra. Os EUA são muito mais frágeis do que os seus dirigentes e economistas fazem crer. Há uma grande diferença entre cair na recessão e na depressão (os EUA), e passar de um crescimento económico acima de 10% para uns mais modestos 3% de crescimento (Rússia, China, Índia,...).

Barack Obama

Continuidade política debaixo de uma retórica de "mudança"

O entusiasmo com o pré-candidato à presidência norte-americana Barack Obama parece transcender fronteiras, geográficas e políticas. Nos EUA, eleitores jovens e independentes mobilizam-se para ir às urnas, um fenómeno novo num país onde 6 em cada 10 jovens não vota. Até alguns republicanos sussurram o seu contentamento com Obama. Em Portugal, desde Daniel Oliveira a Marcelo Rebelo de Sousa, o namoro com Obama é público e assumido. As suas palavras de "mudança" e "esperança" são agradáveis aos ouvidos. Mas quando nos dispomos a procurar as políticas mais substantivas e concretas, o discurso revela-se vago e a intenção preocupante. Na política internacional, há muito que democratas e republicanos não se distinguem. Obama também não. Apoiou a invasão, bombar-

deamento e ocupação do Afeganistão e tem sistematicamente defendido o financiamento e envio de mais tropas para a região. Foi também apoiante do ataque ao Líbano e protege a política de *apartheid* de Israel tão firmemente como Hillary Clinton ou qualquer republicano. Diz bem alto que votou todas as leis contra a guerra do Iraque, mas enquanto senador apoiou o investimento de quase 300 mil milhões de dólares na guerra. Quanto ao Paquistão, já declarou estar disposto a bombardear o país para chegar aos Talibãs, numa "guerra que os EUA precisam de vencer".

No plano nacional, duas questões são tema da campanha: os direitos dos imigrantes e a construção de um serviço de saúde de acesso universal. Barack Obama não defende nenhum dos dois. No que se refere à imigração, Obama juntou-se a tantos outros senadores democratas para financiar a

edificação do muro de 1.600 km de extensão ao longo da fronteira com o México. Quanto ao serviço de saúde pelo qual tanta gente desesperadamente espera, Barack Obama propõe-se negociar com as seguradoras "preços mais justos". O poder de decidir quem recebe ou não tratamento, quem vive ou morre, continuará portanto nas mãos dos seguros privados. Mais, só contribuirá com impostos para o serviço de saúde quem quer. A porta para que os ricos se retirem do pagamento está escancarada. A ideia de que um negro pode dar outra "cor" à Casa Branca tornou-se um dos motivos de atracção da campanha de Obama. Mas a realidade política que se esconde debaixo da sua retórica de "mudança" garante que, caso venha a ser eleito, o essencial ficará na mesma.

Rita Moura

BREVES

EUA levam a guerra à América do Sul

Numa incursão militar no território do vizinho Equador, tropas da Colômbia mataram um dirigente cimeiro das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia. Além desta violação, paira no ar a ameaça de uma guerra sem quartel conduzida pelo regime colombiano. Esta acção, patrocinada e abertamente apoiada pelos EUA, visa mais do que a guerrilha colombiana. Incapaz de subverter por dentro os governos da Venezuela e do Equador, percebe-se que o imperialismo norte-americano os queira derrubar através de um conflito generalizado levado a cabo pelo regime laicaio do presidente colombiano Álvaro Uribe. Solidária com a Venezuela e o Equador, a Nicarágua cortou relações com a Colômbia.

Manifestações no País Basco

Milhares de manifestantes vieram para as ruas em várias localidades do País Basco em protesto contra a feroz repressão que nos últimos tempos se tem abatido sobre os militantes mais combativos da causa autonómica. Muitos dos militantes recentemente detidos são acusados de "colaboração com a ETA/Batasuna" e de "associação ilegal". Os *media* do sistema, lá como cá, silenciam.

Greve geral na Grécia

Convocada pela Confederação Geral dos Trabalhadores e pela União dos Empregados Civis, a greve geral cumprida no dia 13 de Fevereiro afectou significativamente os transportes ferroviários e urbanos, os portos e aeroportos, as escolas, os hospitais e os bancos, assim como diversos ministérios e empresas. O protesto dirigiu-se contra os planos do governo grego quanto à segurança social — à semelhança do governo português, pretende obrigar os trabalhadores a descontar até mais tarde e a receber pensões menores.

Março 2008
poderá ficar na nossa memória como o mês da indignação e das acções de rua contra o Governo.

8 Março, Lisboa
Marcha da indignação
100 000 professores na rua contestaram a política de educação do Governo.

14 Março,
Greve nacional da Função Pública

28 Março
Marcha da Juventude contra o trabalho precário
promovida pela CGTP

5 ANOS DE OCUPAÇÃO DO IRAQUE

Acção de rua que abre o programa das celebrações de 5 anos de resistência.
5 Abril

Música pelo Médio Oriente
Quatro concertos em que músicos do Iraque e da Palestina são recebidos por artistas portugueses

8 de Abril, 21h30, Teatro Académico Gil Vicente, Praça da República, Coimbra
Camané e João Loio
10 de Abril, 21h30, Theatro Circo, Braga
Clã e Jorge Palma
12 de Abril, 21h30, Cinema São Jorge, Lisboa
João Pedro Pais, José Mário Branco e Luís Represas
13 de Abril, 17h30, Teatro Virginia, Torres Novas
José Mário Branco e Paulo de Carvalho

Comícios com representante da resistência iraquiana
Datas e locais a confirmar

ARRAIAL POPULAR

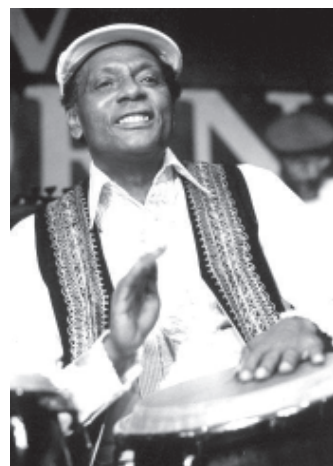
24 Abril, a partir das 19h, Largo do Carmo
O dia 25 de Abril, 34 anos depois, é celebrado por um conjunto de organizações sociais que festejam a liberdade na rua.
Distribuição do n.º 7 do jornal «Mudar de Vida».

Dê-nos conta de iniciativas que mereçam ser divulgadas. Escreva-nos, até meio do mês anterior à publicação, para: jornalmudardevida@gmail.com

Tata Güines: uma lenda da música, sempre ao lado da revolução

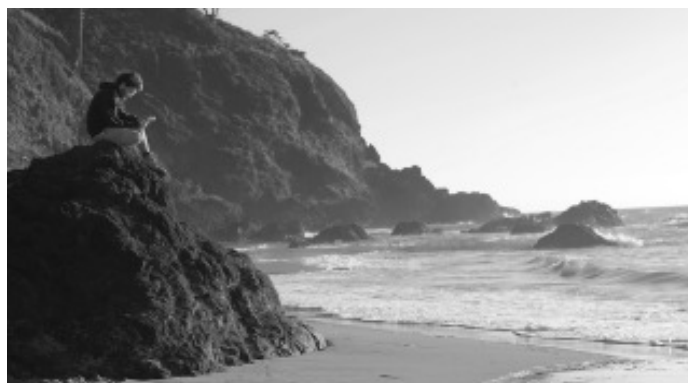
No princípio de Fevereiro, morreu em Cuba, com 78 anos de idade, Tata Güines, considerado o “rei dos tambores”. Tata nasceu num bairro pobre de Matanzas. De dia, era aprendiz de sapateiro, à noite percorria os cabarés de Havana, tocando para os turistas norte-americanos, na Cuba do ditador Baptista. Mas cedo se percebeu que o jovem percussionista extraía dos instrumentos um ritmo e um timbre diferentes dos habituais. É então convidado por grupos de jazz e por orquestras de casinos de Havana para actuar para os turistas. Em 1956 mudou-se para Nova Iorque e aí tocou com músicos como Dizzie Gillespie, Miles Davis e Charlie Parker. A seguir à revolução cubana, faz o inverso de

quase todos os artistas que viviam dos dólares e dos turistas. Abandona Nova Iorque e vai para Cuba apoiar a revolução. E foi sempre assim até ao fim dos seus dias. Desprezou a fama, o dinheiro, a glória, sem nunca se queixar. A última proposta milionária que recusou prende-se com o disco *Buena Vista Social Club* que vendeu 7 milhões de cópias no mundo inteiro, fora as edições piratas. Ry Cooder, produtor do disco e grande admirador de Tata Güines, fez tudo para o integrar no projecto. Mas Tata andava em digressão pela Venezuela e não quis interrompê-la, sabendo que estava a recusar um projecto que lhe iria encher os bolsos de dólares. E assim morreu: com a sua arte comprometida com os destinos do seu povo, sempre contra a



agressão do imperialismo norte-americano, sempre fiel às suas origens e às suas gentes.

Manuel Monteiro



Into the Wild O Lado Selvagem

Realização e argumento de Sean Penn, a partir do original de Jon Krakauer (1998) baseado numa história verdadeira, 2007

Aos 22 anos, Christopher McCandless abandona uma vida desafiadora (uma família classe média norte-americana nos anos 90) em busca da felicidade que não encontra no mundo de regras e de mentira em que vive. Verdade e felicidade serão as duas faces de uma mesma existência plena? Viaja pelo país e acaba por alcançar o Alasca, que lhe surge como a imagem da libertação e do encontro com a vida em estado “natural”. Pelo caminho relaciona-se com personagens que vivem nas margens da sociedade que rejeita e que vivem os mesmos dramas que conhece ou a que ele próprio deu origem – o desaparecimento de um filho, a solidão, a incompre-

ensão – conseguindo, por vezes, devolver-lhes a felicidade. Christopher irá morrer só, dois anos depois, vítima da dura Natureza a que se acolhera, compreendendo (tarde demais?) que a felicidade/verdade tem de ser vivida em comunhão com outros, a resposta que esteve sempre presente no caminho que trilhou. O meio natural do ser humano, afinal, é a sociedade que ele próprio cria. Empenhado nas causas sociais de “esquerda”, o realizador questiona (com o apoio de uma notável banda sonora) a postura egocêntrica e individualizada do cidadão comum e faz um indirecto apelo a uma sociedade nova. Se não, porquê o filme?
Cristina Meneses

Dorregarai, A Casa-Torre

Livro de Angel Rekalde, ed. Deriva

Já está nas livrarias o primeiro livro de uma trilogia a ser editada pela Deriva e que se enquadra na nova colecção de ficção da editora.

O livro conta a história do último século e meio da nação basca, nomeadamente os acontecimentos militares através dos quais, no século XIX, Madrid consumou o que lhe faltava da conquista do País Basco.

O autor, nascido em 1957, em Tolosa, é licenciado em sociologia e ciências políticas e doutorado em jornalismo pela Universidade do País Basco. Grande conhecedor da história basca e do conflito nacional com os Estados espanhol e francês, Angel Rekalde esteve preso perto de 20 anos, durante e após o franquismo, acusado de ser militante da ETA. Também foi autor, conjuntamente com o jornalista Rui Pereira, do livro já editado entre nós *O Novo Jornalismo Fardado*. Os outros dois volumes da trilogia – “Mugalaris” e “Sombras del Alba” – serão editados, segundo a ordem cronológica dos acontecimentos históricos, igualmente pela Deriva. Obra importante para quem esteja interessado em aprofundar o conhecimento da realidade basca.
Pedro Goulart

As antenas da democracia (2)

Os bancos de dados electrónicos

Na sequência do que fiz no número anterior do Mudar de Vida, vou continuar a reprodução das principais informações contidas num artigo sobre vigilância electrónica publicado em *The Economist* de 29 de Setembro de 2007.

"De todas as vezes que alguém clica numa página da internet", lê-se nesse artigo de *The Economist*, "faz uma chamada telefónica, usa um cartão de crédito ou usa um cartão com microchip para ter acesso ao local de trabalho, essa pessoa deixa vestígios que podem mais tarde ser identificados. Milhares de milhões de bits de dados pessoais são diariamente arquivados, catalogados, analisados, comparados com outras informações e, em muitos casos, usados para estabelecer perfis que permitam prever comportamentos futuros. Por vezes as informações deste tipo são coligidas pelos governos, mas na maior parte dos casos são recolhidas por firmas privadas, embora muitas vezes estas firmas sejam obrigadas a pôr aquelas informações à disposição da polícia e de outros órgãos governamentais que as requisitarem".

Têm sido desenvolvidos modelos matemáticos destinados a tratar este enorme volume de informação, com um duplo objectivo: descobrir padrões de comportamento e prever comportamentos futuros. Mal tinham passado dois dias depois dos atentados de 11 de Setembro de 2001, um empresário norte-americano, Frank Asher, proprietário da Seisint, uma empresa de recolha de dados, decidiu examinar as informações de que dispunha sobre 450 milhões de indivíduos "é nesta dimensão grandiosa que operam as firmas privadas de policiamento electrónico" com a finalidade de detectar possíveis terroristas. Asher elaborou um modelo atribuindo diferentes graus de risco a cada tipo de nome e apelido, de religião, de viagens efectuadas, de preferências de leitura, etc., e terminou com uma lista de 1.200 suspeitos, que entregou ao FBI. Verificou-se depois que cinco das pessoas envolvidas no desvio dos aviões constava daquela lista.

O êxito obtido por Frank Asher levou o FBI a usar o seu método para desenvolver o Multistate Anti-Terrorism Information Exchange, abreviadamente Matrix, com acesso a 20 milhares de milhões de informações, analisadas com o objectivo de prever quem poderá no futuro tornar-se um terrorista - ou,



pelos menos, aquilo que o FBI e os seus congéneres consideram um terrorista. Entretanto, acabou de ser posta em funcionamento uma nova versão daquele modelo, o System to Assess Risk, abreviadamente Star, que usa informações recolhidas tanto dos bancos de dados públicos como dos privados. A este respeito, é interessante observar como a fronteira entre o policiamento realizado pelo Estado e a fiscalização efectuada pelas empresas deixou na prática de existir.

"A maior parte das pessoas não reflecte acerca da informação que está a fornecer quando usa os seus cartões de crédito ou os cartões de 'fidelidade' de uma empresa, quando compra alguma coisa on line ou quando se inscreve para um empréstimo", lê-se no referido artigo de *The Economist*. "E geralmente também não faz ideia do destino que é dado a esses dados. As empresas não os usam só para direccionar mais eficazmente a sua publicidade [...] Elas podem também 'partilhar' os dados com a polícia, sem o consentimento ou sequer o conhecimento dos clientes".

Por seu lado, o Automated Targeting System, operado pela polícia de fronteiras dos Estados Unidos, atribui um grau de risco de terrorismo a quem entrar naquele país ou dele sair, o que significa que em 2005 cerca de 413 milhões de pessoas foram classificadas de acordo com aquele sistema automático.

O resumo das informações contidas no artigo de *The Economist* continuará nos próximos números.

João Bernardo

Kosovo: falsa independência

Defendo que os povos são soberanos para definirem os seus destinos, mas o que se passa nos Balcãs não é uma expressão genuína da vontade popular - apenas uma manobra dos imperialismos norte-americano e europeu para se imporem aos povos.

Desagregaram a Jugoslávia. Transformaram em dirigentes "nacionalistas" a escumalha do crime organizado. Levaram os povos balcânicos a lutas fratricidas. Implantaram o capitalismo mais selvagem. É esta a democracia que os povos sentem na pele: enriquecimento brutal de uma minoria; miséria para os trabalhadores.

O que se passa, com a prestimosa colaboração, aliás, dos governos cá do burgo, não é a libertação de um povo, mas a apropriação de um território pelo imperialismo.

A burguesia mundial está articulada num organismo chamado ONU. Ai se discutem e votam as novas independências. Porque prevaleceu a posição unilateral dos dirigentes mafiosos do Kosovo? Porque os imperialismos norte-americano e europeu assim o quiseram, passando por cima de normas que eles próprios aprovaram.

O passo seguinte pode ser a anexação do Kosovo pela Albânia, patrocinada uma vez mais por norte-americanos e alemães. A ser assim, nem de uma independência formal se trataria, mas de um roubo de território de uma nação soberana para o anexar a outro país. Repito: cabe aos povos escolherem a forma como querem viver. Não foi este o caso. O povo serviu aqui, como tantas outras vezes, de carne para canhão do crime organizado e dos desígnios do imperialismo.

Manuel Monteiro

Pauzinho na engRenagem

Manuel da Palma

Sabiam que vão propor o Durão Barroso para prémio Nobel da Paz?

Só o Durão? Acho mal discriminarem o Bush, o Blair e o Aznar!

Pois é, que injustiça...

DITO

Infelizmente há momentos em que a violência é a única maneira de assegurar a justiça social

T. S. Eliot
Poeta /Dramaturgo inglês
[1888-1965]